



Radar:ensaio



Viriato Soromenho-Marques

Imaginar a verdade

A multiplicação de obras de arte, sobretudo na literatura e no cinema, representando o futuro de forma catastrófica, é um dos sinais mais inquietantes da nossa cultura. A verdadeira explicação para a multiplicação e o sucesso desse fenómeno de distopia, de amarga antecipação do tempo vindouro, reside no facto de vivermos numa sociedade onde as instituições que deveriam velar pela verdade, nas suas múltiplas formas, falharam na sua missão. Pelo silêncio, pela inacção, pela cumplicidade com a mentira. À verdade, para irromper, parece não lhe sobrar outro canal que o da imaginação. A arte desempenha a função de salvar a necessidade humana da verdade, isto é, de conhecer o chão que verdadeiramente se pisa.

Quando na passada semana os dirigentes do G8 acordaram em limitar as suas emissões de gases com efeito de estufa em 80%, até 2050, comprometendo-se a evitar que a Terra viesse a sofrer um aumento superior a 2.º C da temperatura média, isso não parece ter sido suficiente para se sobrepor aos sons ensurdecadores das milionárias coreografias escrupulosamente organizadas do funeral de um ídolo pop, ou da recepção de um deus do futebol pelo seu novo clube. Contudo, a aparente ambição dos objectivos do G8 tem de ser moderada pela honesta crítica proferida por Ban Ki-Moon, secretário-geral da ONU, afirmando que a Cimeira não tinha respondido ao mais importante: como é que vamos começar, desde já, em 2009, o caminho para evitar o pior em 2050?

A crise ambiental, que tem nas alterações climáticas a sua face mais visível, é o maior problema que a humanidade algu-

ma vez enfrentou na sua história. A Igreja Católica, a instituição humana com mais experiência nos assuntos globais desde pelo menos a queda do Império Romano, parece reconhecer a gravidade do problema na sua última encíclica, intitulada *Caritas in Veritate*. Aí, a dimensão ambiental atravessa um documento que se situa no terreno da Doutrina Social da Igreja.

A tese mais significativa da Encíclica parece estar contida nesta simples asserção: «A natureza (...) já não constitui uma variável independente.» Isso significa que os ciclos naturais, a biodiversidade, os recursos renováveis e não-renováveis, o clima, as subtis dinâmicas que explicam o mistério da vida (ou da Criação, se quisermos usar um conceito mais teológico) e sua reprodução à esca-

la do ecossistema planetário, tudo isso está hoje entretocado completamente nas malhas das nossas relações sociais, políticas e económicas. Apetece, todavia, perguntar por que demorou a Igreja tanto tempo a descobrir a urgência de um «governo responsável sobre a natureza para a guardar», e como continuam tão tímidas as suas recomendações em matéria de política pública concreta, incluindo a questão demográfica?

ULTIMATUM, o título do recente romance lançado no espaço de língua inglesa, de um autor desconhecido, Matthew Glass, parece ajudar a pensar melhor o que está em causa num aumento médio da temperatura global de mais de 2.º C, do que as declarações do G8, ou a serena

encíclica do Papa Bento XVI. O romance decorre nos anos de 2032 e 2033, e conta como um jovem Presidente norte-americano, Joe Benton, é obrigado a enfrentar o preço insuportável, em vidas e sofrimento, resultante do sucessivo adiamento de medidas adequadas para combater as alterações climáticas. Só nos EUA, 25 milhões de pessoas seriam evacuadas das zonas costeiras... e isso é o mero preâmbulo de penas e perdas ainda maiores.

O romance recomenda-se a todos os dirigentes que vão reunir-se em Copenhaga, em Dezembro próximo, na Cimeira do Clima. Para evitar que a realidade secunde a ficção e alguém, dentro de anos, perante a catástrofe iminente, venha dizer, como o faz o «Presidente» Joe Benton: «Acordámos acerca de objectivos de longo termo, mas não assumimos os objectivos de curto prazo que nos permitiriam realizá-los. Não planeámos para a adversidade, antes limitámo-nos a esperar o melhor.»



A crise ambiental, que tem nas alterações climáticas a sua face mais visível, é o maior problema que a humanidade alguma vez enfrentou